

D. Maria Margarida (Casa de Pereiró) – uma resenha biográfica

Eduardo Teixeira Lopes*

*A sina de uma pessoa, por vezes, faz-nos pensar.
É utópica.*

Resumo

Este trabalho pretende dar a conhecer uma figura do nosso concelho nascida ainda no século XIX. Trata-se de uma sofredora e crente, *miraculada*, em Fátima, segundo as *luzes* da época.

Abstract

This work aims to present a prominent person of the council of Lousada, born in the XIX century. It's about a sufferer and a believer, cured miraculously in Fátima, according to information of the time.

1. Uma pequena resenha biográfica

Alguém que nasce num *berço de ouro*, tem o toque de *Mecenas*, é bafejada pelo *Divino*, passa uma vida de *Inferno*, de tortura e doença, e acaba a sua vivência terrena na flor da idade com 39 anos. Continuo eu a dizer, *faz-nos pensar*. Triste sina esta.

Esta é a história da minha avó, de seu nome Maria Margarida Malheiro Peixoto que, com as escassas informações existentes, vou tentar contar.

Nasceu no seio de uma família burguesa rural, cuja ascendência é bem conhecida, e estudada, mesmo antes do princípio da nacionalidade. (Fig. 1)

Os ancestrais desta família, os *Peixotos*, remontam, por isso, à formação do estado português, segundo nos relatam diversos genealogistas.



Figura 1. Maria Margarida

* Médico. Investigador.

O berço do seu nascimento foi a Casa de Pereiró.

Esta casa é um dos últimos solares deste ramo dos *Peixotos* oriundos, no século XIII de Pardelhas, em Monte Longo, Fafé, e que, posteriormente, ramificaram, sucessivamente, para a Casa da Pousada, em Azurém, Guimarães, Casa de Carvalho de Arca, na Polvoreira, também em Guimarães, a Casa do Porto, em Santa Margarida, em Lousada, seguindo-se a Casa de Coura, em Bitarães, Paredes, e então, finalmente, esta Casa de Pereiró, na freguesia de Pias¹, no concelho de Lousada. (Fig. 2)

Há referências à Casa de Pereiró, que conhecemos, na forma de *aldeia de Preiró*, no século XVI e XVII, e de *Casal de Preiró*, no século XVIII, referindo-se a este casal o Tombo da Igreja de Meinedo de 1728, em que figuram como enfiteutas deste casal, Matias Ferreira² e sua mulher Serafina Carneira³, foreiros do Mosteiro de Santo Tirso e que pagavam, também, votos à Igreja de Meinedo.

Pagavam, anualmente, àquele mosteiro quatro quartas de milho-miúdo e um almude de vinho

Do referido tombo consta o seguinte:



Figura 2. Casa de Pereiro

Auto de reconhecimento q. fazem Mathias Frr.^a, e sua m.er Serafina Cardoza dos votos q. se pagaõ do Casal de Pereiró for.^o ao Mosteiro de Santo Tyrso de riba de Ave.

Anno do nascim.t.º De nosso Senhor Jezus Christo de mil e setecentos e oito annos. Aos vinte dias do mês de Setembro do d.º anno nas cazas da rezidencia do Vigario da Freg.ª de S.tª Maria de Meinedo, aonde estava o Doutor Manoel dos Sanctos Juiz do tombo do R.dº Doutor Joaõ Lopes Baptista Tameiraõ Arcediago do Porto por provizaõ de Sua Magd.e q. Dss.e gd.e em publica audiencia q. ahi estaua fazendo p.º os feitos e cauzas tocantes ao d.º tombo; ahi p.lº d.º R.dº Arcediago do Porto Senhor do Couto da d.ª freguezia de Meinedo foi dito trazia citados a Mathias Ferreira, e a sua molher Serafina Cardoza p.ª reconhecerem no tombo com coatro quartas coatro quartas de milho pequeno vodeiras, de q. tres quartas fazem hu alqueire p.lª raza do conselho, e hu almude de vinho, que lhe eraõ obriguados a pagar em cada hu anno p.lº cazal de Pereiró, cito na mesma aldeia de Pereiró da frg.ª de Saõ Lourenço das Pias foreiro ao Mosteiro de Santo Tyrso de Riba de Ave, como daria por fê o porteiro deste Couto Joseph Nunez; o que visto por elle Juis informado da fê da citaçaõ q. deu o d.º porteiro de como citara aos sobreditos os mandou apregoar, e apareceo o d.º Mathias Ferr.ª, e por elle foi dito q. confesaua pagar do dito cazal os d.tº votos na forma requerida p.lº d.º R.dº Arcediago; e q. Francisco da

¹ Não sei quando começou a ser denominada esta freguesia por S. Lourenço de Pias. Em todos os documentos antigos que consultei vem sempre na forma de S. Lourenço “das” Pias.

² Mathias fr.ª cazado que foi com Serafina Carneira do lugar de preiró que he desta freguezia falleceo da uida prezente com todos os sacramentos aos nove dias do mês de janeiro do anno de mil e sete sentos e onze teve hu officio de vinte padres e dois de doze do que fis este termo que asignei era ut supra, não fês testamento.(ADP – FPP, bob. N.º 152)

³ Neste Tombo vem Serafina Cardoso.



Figura 3. Maria Margarida

Silva velho tinha dotado a hu ajudante seu sobrinho a leira dos Sojais p.l^a qual ajudava a pagar a elle reconhecente os d.t^o votos; e p.^a isso lhe contribuyia com canada e meya de vinho, e pello R.d^o Arcediago foi requerido que essa questão do reconhecente era p.^a com o d.^o posuydor da leira; porq. elle R.d^o Arcediago não devia cobrar divididos os seus votos mas os podia cobrar de qualquer dos posuydores in solidum na forma de direito, e q. na sobred.^a forma lhe ouvese o reconhecim.t^o por feito, e se lançase em tombo; O q. visto por elle Juiz assim o mandou; de q. se fez este auto de reconhecim.t^o, q. elle reconhecente asignou com elle Juiz, e com o R.d^o Arcediago, sendo testemunhas o Capitão Andre Borges do Couto, e Joaõ Martinz Rodriguez; e eu Manoel Bayaõ da silva escrivaõ do tombo q. o escrevy; e declaro q. tambem ouve o reconhecimento por feito à revelia de sua m.er por não aparecer, sobred.o o escrevy = Sanctos = Doutor Joaõ Lopes Baptista Tameiraõ Arcediago do Porto = do reconhecente Mathias Frr.^a hua cruz = Andre Borges do Couto = Joaõ Miz Roiz. (Fig. 3)

Uns anos mais tarde aparece o Casal de Pereiró na posse de Bernardino José de Morais e de sua mulher Joana Pinto, que pagava de votos à Igreja de Meinedo, 4 quartas de milho e 1 almude de vinho, e ainda ao Convento de Santo Tirso de Ribad' Ave, que era o seu senhorio directo.

Segundo o *Rol dos votos de S.Thiago pertencentes ao Arcebispado do Porto pelos cazais q. pesuem na d^a freg.^a de S.L^o das Pias*, temos no número:

5 - O Casal de Preiró for^o a S. Thirso Reconhecido aforamento p.r Mathias Ferr.^a e m.er Serafina Cardoza [por cima tem "neiro"] pesue hoje Bernd.n^o Joze de Morais

m.^o 4.as 4
v.^o almd.es 1



Figura 4. Maria Margarida

Temos outros casais, pertencentes a Bernardino José de Morais, como sejam:

22 - *O Casal do Barrimao for^o a S.Thirso Reconhecido aforamento p.r M.el Ribr^o v^o pessue hoje Bernd.n^o Joze de Morais e m.er de Preiró.*

m.^o 4.as 4

v.^o Almd.es 1

23 - *O Casal da Quebrada que sahio do Casal de Pereiró for^o parte a S.Thirso, e parte a Leça Reconhecido aforamento p.r Maria de Paiva e Angela de Paiva pesue hoje Bernd.n^o Joze de Morais e m.er q. pesue o Casal de Pereiró*

m.^o 4.as 6

v.^o Almd.es 1

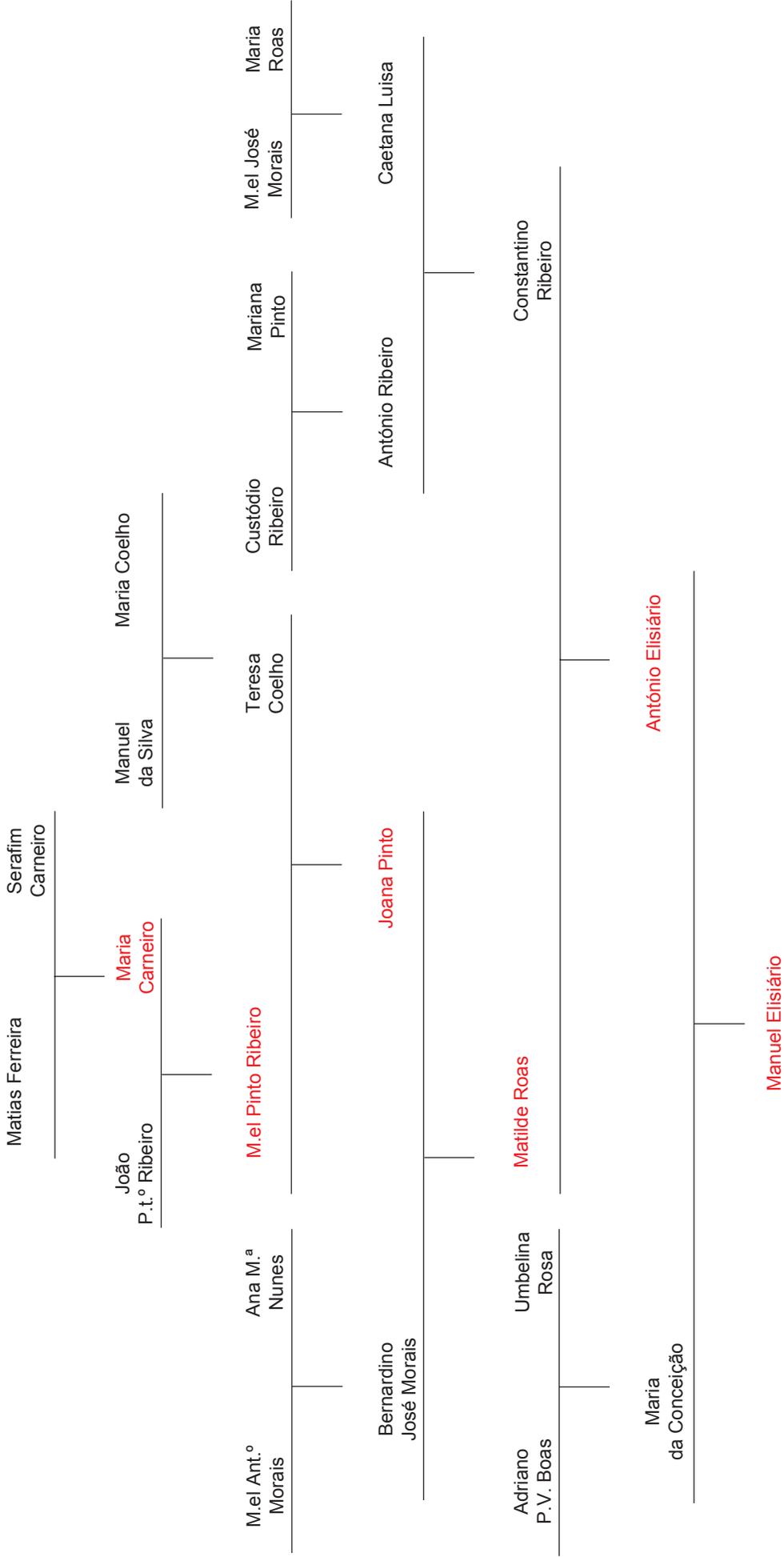
Este Bernardino José de Morais, faleceu a 24 de Fevereiro de 1820⁴. Era filho de Manuel António de Morais e de Ana Maria Nunes, de Carcavelos, e casou com Joana Pinto, nascida a 24.6.1750, filha de Manuel Pinto Ribeiro⁵, que nasceu a 16.5.1713 e faleceu a 17. 11. 1772, e de Teresa Coelho da Silva, de Pereiró, que faleceu a 9 de Dezembro de 1764, e era filha de Manuel da Silva e de Maria Coelho, de Romariz. Manuel Pinto Ribeiro era filho de João Pinto Ribeiro e de Maria Carneiro, de Pereiró, nascida a 25.9.1685, faleceu a 21 de Dezembro de 1729⁶. Manuel e Teresa casaram a 2. 8. 1746⁷ e tiveram diversos filhos entre Manuel, nascido a 28/8/1746 e falecido a 1/9/1770, solteiro, Esperança, nascida a 24/8/1748, Joana, nascida a 24/6/1750, João, nascido a 26/12/1751 e falecido solteiro a 28/8/1770, Maria nascida a 5/5/1753 e Custódia, falecida solteira a 17/8/1770.

⁴ Bernardino Jozé de Moraes do lugar de Preiró desta freguezia de Sam Lourenço das Pias, faleção aos vinte e coatro dias do mez de Fevereiro do anno de mil e oito çentos e vinte recebeo todos os sacramentos fes testamento no qual deixou por seu testamenteiro a seu genro Constantino Ribeiro cazado com sua filha Matilde para lhe fazerem todo o seu bem d' alma na forma que no mesmo testamento declara como tambem na forma da escritora do dote que ele testador e sua mulher Joana Pinta tinhaõ feito ao mesmo seu genro tudo na forma segundo que ele seu testamenteiro lhe mandar dizer sem missas pela alma dele testador e mais sem missas pela alma de sua mulher Joana Pinta quando ela faleçer e vinte e sinco pela alma de Manuel Antonio Pai do mesmo testador e vinte e sinco pela alma de Anna Maria mai do mesmo e trinta pela da thia Roza, mais sincoenta missas pellas almas dos Pais da mesma, mais sincoenta pelas almas dos Irmans da mesma, mais cincoenta digo trinta pela alma do P.e Joaõ Pinto Ribr.^o thio da mulher do mesmo testador, e esta applicasaõ das missas dos Pais thios e Irmans naõ lhe sendo perditas seraõ applicadas pelas almas dos testadores porque fizeraõ o testamento, mais mandara dizer sem missas pela alma do filho Joaõ quando este falecer no cazo que o legitimo do mesmo fique na caza dele meu genro cazado com a dita Matilde Roza, mais tem eles testamenteiros obrigaçaõ na forma da escritura lhe mandar dizer sem missas pela alma de cada hum dos testadores alem das mandadas dizer na forma do testamento, mais cincoenta missas pelas almas dos Paes e mais dos testadores e todas as missas asima seraõ de esmolla de 120 ditas dentro de hum anno seguinte ao falecimento de cada hum deles testadores, e por verdade fis este açento. O Encomendado Ant.^o Jozé de Mag.es. (ADP – FPP, bob. N.^o 152)

⁵ Aos dezaçete do mes de outubro de mil sete centos e setenta e dous digo e oito faleceu da vida prezente Manoel Pinto Ribeyro de Preiró, Recebeu todos os sacramentos; fez testamento em que deixou sua filha Joana por sua herdejra com as condiçois que contem o dito testamento e que lhe preze seus bens de alma tres officios de des Padres na forma do uso e costume desta freguezia e lhe mandaçe dizer coatrocentas missas de esmolla de cem reis cada hua; destas trezentas pela sua alma e dellas çem em altar preuiligiado; e çem de tençaõ as coais seraõ todas ditas dentro de ceis mezes dipois de seu falecimento; foi sepultado dentro desta igreja aos dezanove dias do mesmo mes; de que fiz este termo que asignej, era ut supra. O Abb.e Ant.^o Per.^o Dinis. (ADP – FPP, bob. N.^o 152)

⁶ Aos vinte e hum de Dezembro de mil e sete centos e vinte e nove falleceu da prezente vida com todos os Sacramentos Maria Carneyra mulher q. foi de Joaõ Pinto Ribeyro do lugar de Pereyró, e foi sepultada na Igr.^o de Saõ Lourenço das Pias; fez testamento em q. dispoz se lhe fizessem os tres officios de dez Padres conforme o uso desta freg.^o e se lhe dissessem tres turnos de missas do Natal em tres annos continuados por sua alma à S.^a do Avellar na sua capella; mais se lhe dicessem dez misas de esmolla de cem reis do Santo Nome de Jezu; mais sinco missas a S.Joze; mais sinco as almas todas da esmolla de cem reis; no dia do seu enterro se lhe fez hum officio de des Padres, de tudo fis este assento em os vinte e dois de Janeyro de mil e sete centos e trinta. (ADP – FPP, bob. N.^o 152)

⁷ Aos 2 de Agosto de mil sete centos e quarenta e seis de manham nesta Igreja de Saõ Lourenço das Pias na minha prezença de Manoel Coelho da Sylva do lugar de Romariz, freiguezia de Meynedo e do Padre Joaõ Pinto Ribeyro desta freiguezia pessoas reconhecidas, feitas as denunciaçois necessarias na forma do Sagrado Concilio Tridentino e Constituicois deste Bispado sem sahir impedimento se receberaõ solememente por palavras de prezente manuel Pinto Rybeyro filho de Joaõ Pinto Rybeyro e de sua mulher Maria Carneyra já defunã do lugar de Pereiró desta freiguezia de Saõ Lourenço das Pias donde he natural e Thereza Coelho da Sylva natural do lugar de Romariz freiguezia de meynedo filha legitima que ficou de Manuel da Sylva e de sua mulher Maria Coelho ja defunã da mesma freiguesia, aos quais dei logo as bençaõs na forma do ritual da Santa Madre Igreja, de tudo fis este assento que assinei com as testemunhas era ut supra. O Abb.e Jozé Lucas de Andr.e / Joaõ Pinto Ribeyro / Manoel Coelho da Sylva. (ADP – FPP, bob. N.^o 152)



João Pinto Ribeiro e Maria Carneiro tiveram, pelo menos, Manuel, já referido, João, nasceu 9/12/1715, outro João, nascido 18/12/1716, Custódia, nascida 11/8/1719, Maria, nascida 11/8/1722, Ana, nascida 26/1/1725 e, outra Custódia, nasceu a 24/6/1728. Acredito que Maria Carneiro era filha de Matias Ferreira, o n.º 5 do Rol dos votos de S. Tiago, e de Serafina Carneira. Até porque este casal teve uma filha chamada Maria baptizada a 25 de Setembro de 1685. Bernardino José e Joana Pinto tiveram, pelo menos, três filhos: Ana, que nasceu a 20 de Janeiro de 1782, Matilde Rosa, que nasceu a 14 de Julho de 1785⁸, e João, nascido a 31 de Março de 1789.

Matilde Rosa Pinto de Moraes casou com Constantino Ribeiro de Sousa, nascido a 3. 11. 1787, fi-

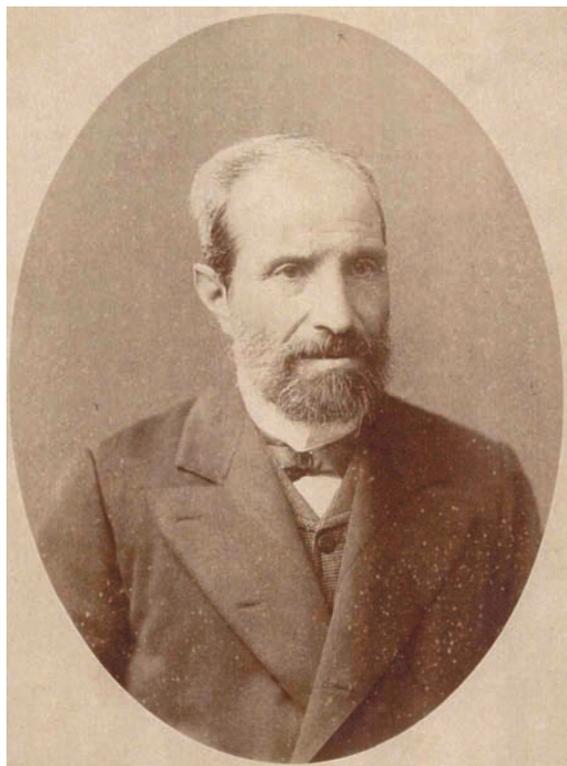


Figura 5. O seu avô, António Elisiário

lho de António Ribeiro e de Caetana Luísa, do lugar de Várzea, e tiveram, pelo menos, António Elisiário, que nasceu em 1814, Caetana, nascida a 13/10/1815, Antónia, nascida a 18/3/1817 e José, nascido a 25/1/1819. (Fig. 5)

António Elisiário Ribeiro de Sousa Pinto casou com Maria da Conceição Peixoto, nascida em 1836 e falecida a 14.9.1891, filha de Adriano Peixoto de Vilas-Boas e Umbelina Rosa e tiveram Manuel Elisiário Ribeiro Peixoto, que casou com Laura de Sousa Freire Malheiro, e de quem teve a minha avó Margarida.

Reportemo-nos, no entanto, ao assunto em questão, à minha avó.

Nasceu na Casa de Pereiró, como dizíamos, no dia 27 de Junho de 1892, às três e meia da tarde, no seio de uma família de princípios morais e religiosos vincados. Por isso foi baptizada, pelo P.º Francisco Ferreira de Magalhães, pároco encomendado, no primeiro de Outubro deste mesmo ano, na igreja de S. Lourenço de Pias. (Fig. 6)



Figura 6. Maria Margarida

⁸ *Matilde filha legitima de Bernardino Jozé de Moraes e sua mulher Joana Pinto de Preiró desta freguezia de Saõ Lourenço das Pias, neta paterna de manael Antonio e sua mulher Ana Maria do lugar de Cacaueiros da freguezia de Saõ Vicente de Boim e materna de manael Pinto Ribeyro e sua mulher Thereza Coelho do dito lugar de Preyró, nasceo aos catorze dias do mês de Julho de mil sete centos e oitenta e sinco, foi por mim Baptizada aos quinze dias do dito mês, foraõ padrinhos Jozé Luis da Cunha do lugar do Cabo e Roza solteira do lugar de Cacaueiros, foraõ testemunhas Joaõ Pinto do Souto e Joaõ Coelho todos desta freguezia e por uerdade fis este termo e asigney era ut supra. Antonio Per.º Dinis. (ADP – FPP, bob. N.º 152)*

Os padrinhos foram, o avô materno, António Pinto de Sousa Freire Pitta Malheiro, que se encontrava, nesta altura, viúvo, e a sua tia materna Albina Peixoto de Sousa Freire, que era solteira.

O seu pai, Manuel Elisiário, era Juiz de Direito, formado na Universidade de Coimbra, tendo estudado no antigo Colégio de Vinça, na Ribeira de Cristelos, em Lousada.

Tinha um irmão gémeo, Constantino Elisiário, e como gémeo que era, também andou a estudar nos mesmos estabelecimentos de ensino que o irmão, e acabou também Juiz de Direito, no Porto. Conta a família que de tão parecidos que eram, facilmente eram confundidos. E isto trouxe-lhes vantagens, porque quando andavam a estudar, se um deles soubesse muito bem determinada matéria, por exemplo, latim, um deles ia fazer o mesmo exame duas vezes, por ele e pelo irmão.

Maria Margarida vem a herdar quase todos os bens de seu tio que, segundo o seu testamento, ficariam para seus filhos, se os houvesse, senão reverteriam para o Hospital Sousa Freire, de Lousada; outro item deste testamento diz que, se entretanto falecesse, o seu marido ficaria usufrutuário de todos os bens, até à maioridade dos filhos.

Era filho de António Elisiário Ribeiro de Sousa Pinto, administrador do concelho de Lousada, e um



Figura 7. O seu pai Manuel Elisiário

dos impulsionadores, ou talvez o principal impulsionador, da criação do parque do Monte do Senhor dos Aflitos, e um dos acérrimos perseguidores dos bandoleiros que assolavam, então, esta região, nomeadamente, José Teixeira da Silva, mais conhecido por Zé do Telhado; a sua mãe era Maria da Conceição Peixoto.

Manuel Elisiário exerceu o cargo de juiz no concelho de Lousada, e também em Meinedo. (Fig. 7)

Como curiosidade: no *Jornal de Louzada*, de 23 de Fevereiro de 1913, vem as instruções do internamento no hospital da vila, assim:

Hospital de Louzada

Instruções para os doentes que pretenderem entrar neste hospital

O doente precisa munir-se de um atestado de pobreza passado nos seguintes termos:

«A comissão parochial administrativa da freguezia de ... atesta, pela sua honra, que Fulano de ... annos de idade, (casado, solteiro, ou viuvo) com a profissão de ... é pobre.

... tantos de tal. O presidente ... O vogal ... O vogal ...

O regedor, abaixo assignado, confirma, pela sua honra, o atestado supra.

... tantos de tal. Fulano.

Com este atestado, vae o doente a casa do medico Dr. Joaquim Hermano, da villa de Louzada, que o examinará e n'esse documento informa se o pretendente está ou não em condições de poder entrar no hospital.

No caso de poder entrar junta ao atestado um requerimento feito nos termos seguintes:

Ex.mº Snr. Presidente da Commissão Administrativa do hospital de Louzada:

Fulano, (casado, solteiro ou viuvo), da freguezia de d'este concelho, sendo pobre como prova pelo atestado junto, e achando-se doente.

Pede a V. Ex.ª se digne ordenar a sua entrada no Hospital.

E.R.M.

... tantos de tal.

Fulano.

Vae a Pereiró e entrega ambos os papeis ao Ex.mº Sr. Dr. Manoel que, em vista das informações, lança o seu despacho.

Quando se der a vaga o doente será avisado, por um postal, do dia e hora em que deve aparecer no hospital.

Com estes dados qualquer pessoa da respectiva freguezia do doente lhe fará o requerimento e indicará o caminho a seguir.

J. Hermano.

Laura era a mãe de Maria Margarida. Descendia de uma casa senhorial aristocrática de Paredes, a Casa de Coura, em Bitarães. Era uma senhora bem formada e com uma sensibilidade intelectual e artística requintada, onde predominava o bom gosto. De todo este excelente ascendente combinado com o local apazível, que é o lugar de Pereiró, com a sua grande casa, o seu



Figura 8. O seu marido José Miguel

frondoso jardim, com lagos e caramanchões, daqui nascem os ingredientes para haver uma boa harmonia familiar e onde Maria Margarida cresceu e se tornou adulta e onde, afinal de contas, tudo se desmoronou.

Cedo tomou conhecimento da realidade que a envolvia. Deveria seguir os passos prendados de sua mãe e o conhecimento intelectual de seu pai, como condição social a que estava sujeita. Era senhora de uma grande casa e, como filha única, herdeira de uma grande fortuna.

Da sua formação literária das primeiras letras, nada se sabe, mas acredito que teria feito o ensino primário, com algum professor particular, ou em algum colégio privado. Tudo leva a crer que assim tivesse sido, pois em 1902 encontra-se a estudar no Colégio do Sardão, em Oliveira do Douro, com apenas 10 anos.

Foi sempre uma criança muito mimada e sempre muito debilitada. Cedo começou a consultar médicos, e alguns de renome nacional. Não posso precisar datas das suas *maleitas*, mas passou por muitas, levando-a até a ser internada no Hospital de Conde Ferreira. Foram-lhe diagnosticadas doenças desde a *luética* à *tísica*. Devido às suas perturbações nervosas foi examinada pelo abalizado Dr. Magalhães Lemos, e pelo Dr. Bahia Júnior.

Foi ainda intervencionada a tumores(?) na garganta, e o Dr. Pinto Leite diagnosticou-lhe uma tuberculose em estado avançado, com numerosas cavernas, sendo, porém, encaminhada para o pneumotisiologista Dr. Ramalhão.

No entanto, conhece José Miguel Teixeira Lopes, oficial da Inspeção das Finanças no Porto, com quem casa, no dia 20 de Abril de 1919, com 27 anos. (Fig. 8)

O casamento civil realizou-se na Casa de Pereiró perante o oficial do Registo Civil, António Augusto de Carvalho Meireles, segundo o regime dotal. Curioso é não terem sido paraninfados, por recusa das testemunhas, que eram o Dr. José Camilo Alves Teixeira de Carvalho, Conservador do Registo Predial da Vila de Lousada, o seu tio Dr. Constantino Elisiário Ribeiro Peixoto, Juiz de Direito, Luís Pereira Guedes, negociante e Júlio Augusto Moreira Perdígão, proprietário, da Casa das Cadeiras, desta freguesia. O casamento pela Santa Madre Igreja re-

alizou-se dias depois, a 23 de Abril, na freguesia de Paranhos, no Porto.

Não teria sido um matrimónio muito feliz na medida em que passava a maior parte do tempo na Casa de Pereiró, separada do marido, que residia no Porto por força de circunstâncias profissionais.

Apesar das incongruências da vida, que levaram a que o seu estado de saúde fosse muito mau, o seu estado emocional fazia-a reagir e a encarar a vida de uma forma positiva, considerando um ser vivo como os demais para ir em frente, sem que houvesse impedimentos de qualquer espécie.

Teve o seu primeiro parto a 10 de Fevereiro de 1920. Como Margarida era uma pessoa muito frágil, não admira que gerasse um ser também frágil. Era uma menina, a Cândida, e pesava somente 850 gramas. Um ser assim só numa incubadora resistiria. Naquele tempo não era assim tão fácil que sobrevivesse, a não ser o amor de mãe que, com todo o cuidado, carinho e sacrifício, fizesse com que resistisse até Novembro de 2003. (Fig. 9)



Figura 9. Os seus filhos Manuel, José e Cândida

Mas quem esperava que nascesse criatura de tal peso e tamanho? Era necessário acondicioná-la, era necessário criar o impossível para a sua sobrevivência. Mas o quê? E muita coisa serviu, desde roupa das bonecas, algodão para fazer o seu pequeno colchão e pipeta para a sua alimentação (estava proibida de amamentar em consequência do estado debilitado condicionado pela doença pulmonar).

Poucos meses tinham decorrido quando lhe começaram a aparecer numerosos abscessos no corpo que, uns atrás dos outros, iam sendo lancetados pelo médico que a acompanhava, o Dr. Mendes de Carvalho.

No meio deste sofrimento nasce o segundo filho, Manuel, sem que apresentasse qualquer estigma de doença.

Durante os anos seguintes os abscessos multiplicaram-se e todos os tratamentos foram feitos em vão. Ainda em ambiente de sofrimento deu-se a sua terceira gravidez. Como foi possível, como também na anterior, que da parte do marido, vendo a situação

doentia, debilitada e desesperada da mulher o levasse a tamanha insensatez de a engravidar?

Durante todos os nove meses Margarida dificilmente se alimentou devido à intolerância do seu estômago que, apesar disso, não deixou de pôr no mundo, a 24 de Abril de 1928, uma criança robusta, José (o meu pai). (Fig. 10)

Nos meses seguintes, como não se conseguiam debelar os abscessos, começou-lhe a assolar um espírito de fé divina, sentindo que nunca alcançaria a cura. A ideia de se lançar aos pés de Virgem Maria começou a tomar forma e a aumentar de dia para dia. Nesse mesmo ano, a 13 de Outubro, debaixo de todo o seu estado de saúde precário, deslocou-se ao Santuário de Fátima. Considerada com doença incurável, pelos conhecimentos médicos de então, certo é que, imbuída talvez deste ambiente divinal, Margarida saiu curada da Cova da Iria. A Vir-



Figura 10. Margarida com seus filhos (Manuel, José e Cândida) pouco tempo antes de falecer

gem Maria concedeu-lhe a cura. Porquê a Margarida? E os outros doentes, não eram também sofredores? Estariam a fingir o seu sofrimento? Para não

ser atendida a sua fé, estariam todos perante uma discriminação divina? Que posso eu dizer?

Certo é que após a bênção do Santíssimo, Margarida sentiu que os seus abscessos tinham desaparecido, uns, e secado, outros. Nesse mesmo dia regressou a casa pernoitando pelo caminho.

Aqui, em ambiente familiar, começou a rejuvenescer de dia para dia, mas por poucos anos. Até parecia que o destino estava contra ela. Mas, afinal de contas, em Fátima, Margarida pedira a Virgem Maria que lhe desse muito sofrimento, se o julgasse do seu agrado. Pelos vistos assim foi *julgada*.

Acredito que se tratasse de um cancro gástrico pois, a determinada altura, tornou-se dependente da morfina para o tratamento daquelas dores até ao fim da sua vida.

Porém, a tristeza e a escuridão apoderaram-se desta terra, deixando-a enlutada. Às 21 horas do dia 27 de Junho de 1932, na Casa de Pereiró, o Juízo Final vem cobrar, à alma miraculada

em Fátima, a sua vida terrena.

Triste fim, com apenas 40 anos incompletos e três filhos menores, entregues ao *deus dará*.

Bibliografia

Fontes manuscritas

Arquivo Distrital do Porto. Fundo Paroquial. São Lourenço de Pias, bobine n.º 152.

Fontes impressas

AGNELLET, M. (1958) - *Miracles à Fatima*. Paris: Trévise.

DIAS, J. O. (1942) - *Florilégio Ilustrado de Fátima: novo Mês de Maria*. Fátima : Livraria Pax Editora.

FONSECA, L.G. (1934) - *Nossa Senhora de Fátima: aparições, culto, milagre*. Porto: Apostolado da Imprensa.

FRANÇOIS, L. (1950) - *Les guérisons miraculeuses modernes*. Paris: Presses Universitaires De France (Bibliothèque de Médecine Catholique).

Jornal Voz de Fátima (1922). Fátima: Santuário de Nossa Senhora de Fátima. Edições de 13-12-1928 e de 13-1-1929.